



FOTOS: JAVANA BOUÇA

## ‘Liberdade livre’ é a melhor definição de literatura

FESTIVAL  
Sofia Lacerda  
sofialacerda@jm-madeira.pt

**Convidados do segundo dia do Festival Literário da Madeira defendem o ‘final feliz’ num romance e rejeitam obrigatoriedades para a literatura.**

“A grande definição de literatura será a de Arthur Rimbaud, quando fala de ‘liberdade livre’”, defendeu, ontem, o escritor José Luís Peixoto, que considerou ser “perigoso quando se apontam tarefas ou obrigatoriedades para a literatura”.

O conceituado autor comentava a frase de David Foster Wallace - “o trabalho da boa ficção é confortar o perturbado e perturbar quem está confortável” -, que foi o mote da conversa do segundo dia do Festival Literário da Madeira.

“Efetivamente”, disse ainda, “sempre que se tentou constringer a literatura em definições ou em obrigações, a própria literatura encontrou sempre forma de se libertar”, apontou.

De igual forma, a neozelandesa Eleanor Catton, que se destaca por ter sido a mais jovem escritora a receber o Man Booker Prize, revelou a sua “resistência” a esta ideia. “Adoro a frase do David Foster Wallace, mas não concordo com ele, de que esse seja o propósito da boa ficção”.

“Ele é um brilhante exemplo do pós-modernismo, mas acho que uma definição como a dele distancia-se muito da tradição do romance, em particular, da ideia de que um romance pode ser um todo coerente, que pode chegar a uma con-

clusão formal e completo em si”, sustentou.

A autora do romance ‘Os Luminares’ afirmou mesmo ser “deprimente” a “ideia de que as duas únicas alternativas para nós, seres humanos, são ou viver ingenuamente

confortável e precisar de uma rutura, um ‘abalo’, ou, por outro lado, andar perturbado e infeliz e a precisar de conforto”.

Nesse sentido, realçou haver “tantos prazeres formais ao nível da coerência que um romance pode oferecer, como o ‘final feliz’, que, atualmente, até quase consideramos ingénuo e ridículo acabar o livro com um casamento”.

Menos ‘otimista’ manifestou-se a finlandesa Sofi Oksanen, cuja obra versa temas como transtornos alimentares, desordens de ansiedade e violência entre casais, razão pela qual admitiu não ter ‘finais felizes’ nos seus livros. “Mas não é proposado”, justificou, realçando não ser “uma autora comercial”. “Não fiz um voto solene de que não teria finais felizes nos meus livros, mas em todas as histórias que tenho escrito, com os meus personagens, é praticamente impossível ter um ‘final feliz’”, frisou.

### TURISMO CONSTRÓI NARRATIVA

E apesar de não ter sido unânime que “o trabalho da boa ficção é confortar o perturbado e perturbar quem está confortável”, José Luís Peixoto foi taxativo em sublinhar que “a literatura não é a única área que trabalha com narrativas”.

“O turismo constrói uma narrativa e eu acho que até, em muitos aspetos, caracteriza aquilo que são as nossas ambições, as nossas expectativas, os nossos sonhos”, mencionou, referindo-se à sua última obra, ‘O Caminho Imperfeito’, que tem a Tailândia como um dos cenários de fundo.

Nesse sentido, referiu ainda que “o turismo, sendo uma área da economia, tenta justamente retratar, dar uma forma a essas ambições e justamente colocar-lhes um preço, para depois nós comprarmos esse produto”, rematou. JM

